
José Mauro de Freitas

UM BARCO À DERIVA

Esta é uma obra de
ficção.
Qualquer
semelhança com
pessoas, lugares
ou fatos terá sido
mera coincidência.

O autor

*“Não há nada que
envelheça mais
depressa do que
um benefício.”*

Aristóteles

*“Pode-se perdoar
a um homem a
realização de uma
coisa inútil,
contanto que ele a
não admire. A*

*única desculpa
para se fazer uma
coisa inútil é
admirá-la
intensamente.”*

Oscar Wilde

*“A cobiça do
impossível destrói
a ética.”*

Lao-Tsé

À guisa de Prefácio

Há muitos anos escrevi um livro de poesias. Na juventude, todos os arroubos devem ser perdoados. (Se não fossem os jovens, a monotonia e a pasmaceira certamente estariam irremediavelmente instaladas neste mundo contraditório e injusto.) E ousei mais: procurar uma editora para publicá-lo. Não sei bem por quê, escolhi a Editora Sabiá, cujos proprietários eram os escritores Rubem Braga e Fernando Sabino. Reuni meus originais e levei-os até aquela Editora, esperançoso de que fossem plenamente aceitos. Reconheço, agora, depois de tantos anos, que havia nisso, certamente, muita presunção e bastante ingenuidade.

Deixei lá, portanto, minhas esperanças, e aguardei, ansioso, pela resposta da Editora. Alguns dias depois, recebi uma carta, que guardei por todo esse tempo, e agora a transcrevo aqui na sua totalidade.

Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1972.

Meu caro José Mauro,

Não me é fácil opinar sobre um livro de poesia sendo eu apenas um prosador e mal aparelhado para formular juízos críticos. Quero dizer, todavia, que encontrei no seu trabalho uma real vocação poética que o tempo, certamente, só virá confirmar. Acredito que seus poemas possam no futuro vir a ser ainda melhores e acrescidos da experiência de vida que só a idade traz. Até lá, eu lhe recomendaria ler e reler com minúcia, com interesse profissional, os poetas da língua portuguesa, que muito lhe terão a ensinar, especialmente os modernos, como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Ricardo, João Cabral de Melo Neto, Cecília Meirelles e ainda os portugueses, como Fernando Pessoa e Mario Sá Carneiro.

Quanto às possibilidades de publicação, infelizmente não estou em condições de oferecer-lhe uma perspectiva imediata, pois a Editora Sabiá está em negociações para ser vendida, devendo eu dela me afastar. Eu lhe recomendaria entrar em contato com uma Editora especializada em poesia, como a de Fernando Ferreira de Loanda, Coleção Orfeu, distribuída pela Editora Livros de Portugal, que talvez pudesse orientá-lo melhor.

Deixo de remeter-lhe o livro pelo correio temendo qualquer extravio, mas o mesmo estará aqui na Editora à sua disposição.

Com um cordial abraço,

Fernando Sabino.

A teimosia é um privilégio dos jovens. Exatamente por isso eu fui procurar a pessoa que Fernando Sabino me havia indicado. Descobri, não sei como, que o poeta Fernando Ferreira de Loanda morava na rua Quito, na Penha, próximo ao bairro onde eu morava, aqui na Cidade do Rio de Janeiro. Fui até lá e consegui que ele me recebesse. Mostrei-lhe meus poemas. Quisera não os tivesse mostrado! Fernando Ferreira de Loanda, do alto de sua capacidade e vivência entre os homens e a Poesia, olhou-me um tanto quanto transtornado e aborrecido. Tinha ele por volta de sessenta anos, se não me falham o cálculo e a memória, e a perfeita consciência do que significava a Literatura como arte cotidiana e sofrida. Era organizador de antologias, destacando-se, entre elas, a dos poetas brasileiros da geração de 1945. Fernando Ferreira de Loanda tinha livro de poemas editado — e aparentemente um grande desencanto com o seu tempo e o seu ofício. Deve ter sentido dó de mim por querer enveredar por um caminho em que a dureza das pedras elimina a beleza da paisagem. Sem mais aquela, fitando-me constrangido, sentenciou: “Olha, José Mauro, se você não fosse tão moço, eu o mandaria plantar batatas, mas, como você ainda é muito jovem, há tempo suficiente para você ler e aprender.”

Lembro-me aqui de uma frase de Mark Twain, a qual, aliás, aparece em uma parte do livro que o leitor tem agora em mãos: “Que a cortina do pudor caia sobre o restante da cena.” Peguei então meus originais, agradei a atenção do poeta e abalei para a rua.

Fernando Sabino e Fernando Ferreira de Loanda, dois *Fernandos* sinceros e verdadeiros, cada qual a seu modo. A eles eu devo, seguramente, não o desencanto dos meus primeiros poemas, mas a certeza de que a verdade deve prevalecer, porquanto somente sobre ela pode-se construir um sentido duradouro para todos os nossos projetos e sonhos.

Rio de Janeiro, setembro de 2013

O autor

Primeira Parte

Ninguém saberia dizer como aquele barco tinha chegado à praia.

Ao cair da noite, os últimos pescadores, que ainda teimavam em arrancar do mar alguns peixes desavisados, nada tinham visto que pudesse sugerir a aproximação de algum barco desconhecido. O mar, na calmaria de um final de tarde, parecia espreguiçar-se antes de seu sono noturno. Subitamente, porém, um vento forte, certo como uma flecha, atravessou o oceano e chegou levantando areia e derrubando árvores, como se somente para isso fosse feito, e não para refrescar a noite que, como todas as outras daquela semana, prometia ser quente. De onde procedia aquela embarcação, quem a comandava, qual a sua rota original eram perguntas às quais ninguém saberia responder, pelo menos naquele começo de manhã. E lá estava ele: maior do que um barco comum, menor do que uma escuna, porém sem velas, sobretudo sem se assemelhar a qualquer outro em um raio de alguns quilômetros.

Não existia indicação de que possível lugar ele partira. Mas havia na metade dianteira, e também na popa, gravado em negro, a contrastar com a alvura do barco, um estranho nome a identificá-lo.

Esse ineditismo suscitou comentários de um velho pescador:

— Olha só esse barco, Romildo! Que nome! Mas como é bonito!

Romildo, tão espantado quanto o pai, acabara de chegar. Ele até se esquecera do

que fora fazer ali. Nina tinha pedido a Romildo que trouxesse Martim de volta para casa. O velho pescador tinha insistido tanto em caminhar na praia que ela acabou concordando, mas logo se arrependeu de tê-lo deixado sair. Martim não devia ficar exposto nem à friagem nem à chuva. Uma gripe mais forte sempre trazia o risco de uma pneumonia.

Romildo se aproximou do barco e exclamou:

— Tem maluco pra tudo! Até pra batizar um barco com esse nome. Mas esse é muito bom mesmo!

— Ele deve ter registro na Capitania dos Portos, Romildo. Praticamente todos têm — disse Martim, pensativo, enquanto o filho se dirigia para a popa.

— Nunca vi um barco naufragar na areia! Parece que esse escolheu aqui para entregar os pontos. Vou ver se acho alguma coisa lá dentro.

Romildo conseguiu, com algum esforço, debruçar-se sobre a beirada da popa, um tanto afundada na areia, e pular para o interior da embarcação.

Vista por dentro, parecia bem maior. Essa foi a primeira impressão de Romildo. Ele abriu gavetas da pequena sala de comando, procurou vestígios de mapas, escarafunchou frestas, buscou pistas que pudessem induzi-lo a pensar em alguma coisa que não fosse a certeza de que nada havia ali que valesse uma suposição, qualquer que fosse, que o levasse a alguma explicação para tão insólito acontecimento. A verdade é que, com exceção de alguns pratos e copos, de algumas garrafas de cerveja e outras de vinho, todas completamente vazias,

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

